

NOVAS ABORDAGENS SOBRE A ESCOLA: O VIÉS DA VIOLÊNCIA

Maria José Gaiovicz Maronezi ¹

Resumo: A violência na Escola Pública do Estado de São Paulo, assume proporções que são consideradas alarmantes. Em consequência é necessário iniciar um envolvimento geral da comunidade com o caminho social onde está inserida a escola.

Abstract: *The violence in the school publishes of the state of São Paulo, it assumes proportions that are being considered alarming. In consequence he becomes necessary a wide involvement of every comunidade with social way where this inserted the school.*

Somente a pouco tempo é que as notícias e as informações sobre violência na instituição escolar vem chegando ao público leitor. Porém, pequenas rixas e desentendimentos entre alunos sempre existiram. O fato novo, é o aumento desmesurado destas ocorrências. E isto porque de acordo com algumas vozes o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. E aqui parece residir a raiz do problema, pois a cultura humana é herdeira de um processo cumulativo que reflete o conhecimento e as experiências adquiridas. Não é suficiente criar-se indivíduos altamente inteligentes. Mas sim, é necessário que coloque ao alcance desses indivíduos os materiais que permitam-o exercer a sua criatividade de uma revolucionária, porém, de tal modo, que o transforme em um instrumento de paz.

¹ Professora Mestranda em Metodologia da Matemática, Faculdade de Palmas, Departamento de Ciências da Faculdade de Ciências Humanas de Francisco Beltrão, Rua Maringá, 1200, Francisco Beltrão - Paraná, Cx. Postal 251, CEP 85.605-010.

Um ato de violência coloca um indivíduo sob estado de choque interpondo indagações e juízos de valor em sua mente. Porém em se tratando da violência que não está pedindo licença para adentrar na rede escolar, o impacto resulta em um agravamento ainda maior. É isto porque, aqueles indivíduos considerados como dotados de “cérebro”, de sã consciência, questionam o valor intrínseco dos atos que não cometeram.

Ao analisar-se um artigo do jornal “Folha de São Paulo”, referente a uma pesquisa sobre a violência dentro das escolas brasileiras, constata-se que muitos colégios chegam a serem comparados a uma verdadeira prisão. De acordo com o artigo,

“o entrar na escola já dá para notar questões relacionadas a segurança. Observamos se os portões estavam trancados, se havia guardas, se as janelas e as portas tinham grades, várias coisas”. (F. São Paulo, 19.01.98).

Se vivemos em uma sociedade em que a instituição escolar é tida e reconhecida como o segundo alicerce da formação humana, vindo logo após a família, não nos é concebível que este sustentáculo seja corroído, dilacerado, distorcido e comprometido pela violência.

Os atos de força tem origem nos assassinatos, roubos, vandalismos, estupros e agressões físicas e se chegam a escola, colocam-a em sério risco. Os índices percentuais destas ocorrências estão sendo considerados alarmantes pois variam de 74% nas escolas do nordeste a 49% nas instituições escolares do centro-sul do Brasil, o que estabelece uma média de 56% de ocorrências violentas na rede escolar.

O envolvimento de um adolescente ou estudante em episódio de contravenção, dentro de um colégio, quer como ativo ou como coadjuvante de ato ilícito, é algo que frustra qualquer progenitor com sérios prejuízos em várias ordens, quer morais ou estruturais. É isto ocorre porque existe, no meio social, correntes que se permeiam das mais variadas formas no ensino aos educandos, manipulando-os à seus interesses e caracterizando-se por ser um verdadeiro poder paralelo.

Bruce STERLING, diz que,

"O poder busca fazer crer que seu lugar é suficientemente real para determinar o que na vida do grupo deve ser considerado real ou irreal, incluindo ou excluindo, admitindo ou negando". (1994:59).

Todo poder acaba por gerar uma violência, uma disputa por maior ou menor grau de participação no processo, gerando uma divisão de comando em determinado segmento social.

Ao analisar a violência que existe nas escolas públicas de São Paulo, cujo cenário é comparável a um campo de batalha de vários grupos desgarrados da sociedade, DIMENSTEIN cita em seu artigo um exemplo de trégua na batalha pelo "poder local" que é concedido a escola pública "José Prado".

"Os surpreendentes indicadores de calma e harmonia destoam do cenário de campo de batalha nas escolas impregnadas pelo tráfego de drogas, e mostram até onde vai a epidemia de violência". (F. São Paulo, 19.04.98).

Considerando que desgarrados conduzem a sociedade, fazendo pacto de não agressão a uma escola, pergunta-se: onde estamos, em que sociedade vivemos, que marginais conduzem nossos destinos?

O que poderemos esperar de uma sociedade em que a violência atinge o embrião da formação de seus membros; o que é lícito desejar de um progenitor sem tempo para conviver com a prole; o que ocorrerá com os educandos confiados a uma instituição escolar; saberá o pai de família da decepção, da frustração que o aguarda neste fogo cruzado da violência que impera na escola?

Como revela DIMENSTEIN, na Folha de São Paulo, ao dizer que,

"A barbárie nas escolas hoje atemorizando professores, depredando muros, janelas, carteiras, acuando até a polícia". (19.04.98).

A pesquisa do estudioso acima mencionado também constatou que os índices de violência são maiores nas capitais do que no interior, associando a isto o porte da escola. Quanto maior o colégio, mais alto é o índice de violência.

Tal violência é praticada em geral por elementos que não pertencem a comunidade escolar. O estudo em foco sugere que para a reversão deste quadro será necessário envolver ao máximo a comunidade com o processo educacional.

"Na medida em que a comunidade interna e externa da escola pode sentir e dizer, esta é nossa escola. A maior segurança do estabelecido estaria garantida". (ib ibdem).

O colégio não pode negar prosperidade ao jovem educando pois é neste local que ele encontrará o único jeito de ser "gente". É na escola que o educando procura professores identificados com a transmissão do saber, capazes de sensibilizar a comunidade, e encontrar a chave da contribuição social do país.

Referências bibliográficas

Livros

- ARANHA, Maria Lucia Arruda. **Filosofando**. 2 cd. São Paulo : Moderna, 1966.
- BRASIL - Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília "MEC, 1997.
- DOVEL, Eduardo (org). **Recursos Humanos e Subjetividade**. Petrópolis : Vozes, 1966.
- GILES, Thomas Ransom. **Introdução a Filosofia**. São Paulo : EDUSP, 1979.
- SENGE, Peter. **A quinta disciplina**. São Paulo : Nova Cultural, 1990.

Jornais

- DIMENSTEIN, Gilberto. **Violência nas escolas do país**. Folha de São Paulo, 19.04.98.